

Boletim da Apdio



Nº 30 • Julho 1999 • Editor: João Paulo Costa

APDIO EDITA "QUEM É QUEM EM IO"

Vinte anos é sempre um marco importante. Importante pela juventude que representa, pelo mundo de possibilidades e oportunidades que se oferecem, pelas novas responsabilidades que se assumem.

A APDIO - ao completar 20 anos - julgou oportuno procurar responder à pergunta que surgia frequentemente: afinal quem são os seus sócios? Qual a sua formação e actividades profissionais? Qual a sua idade e os seus gostos pessoais?

Este livro contém a resposta a estas perguntas apresentado as fichas-síntese preenchidas pelos membros interessados em pertencerem ao primeiro catálogo da gente da IO publicado no nosso país.

Como o leitor poderá verificar, estas mais de duas centenas de sócios surgem como um grupo bastante jovem (idade média de 39 anos), com grande dinamismo, nas suas múltiplas actividades académicas e profissionais e cobrindo um espectro de interesses pessoais particularmente vasto.

Gostaria de aqui sublinhar algumas conclusões que julgo interessantes:

- Os nossos sócios cobrem a quase totalidade das instituições do Ensino Superior existentes no nosso país, desde Bragança aos Açores.

- Mais de uma centena de sócios exercem actividades de especial relevo em diversas empresas situadas nos sectores da Energia, dos Petróleos, da Indústria Transformadora, da Construção, dos Agro-Alimentares, da Distribuição, dos Transportes (Marítimos, Ferroviário, Aéreo e Camionagem), da Logística, da Informática, dos Seguros, da Banca, da Comunicação Social, da Consultadoria e do Ambiente.

É apreciável a percentagem de sócios com graus superiores ao da licenciatura (> 70%), bem significativas da rede de especialistas de IO que estudam, ensinam e trabalham no nosso país. Capital humano no qual tem de assentar o desenvolvimento sustentado de um país que procure esquecer as suas décadas menos arejadas ou mais caóticas e que procura afirmar-se na primeira linha das sociedades da informação e do conhecimento.

Mas creio que estas páginas permitem também compreender o rosto humano dos membros da APDIO que aqui surgem como um grupo activo, jovem, de gente interessada e interessante.

Não escondo o sentimento que tive ao ler este catálogo, apeteço-me conhecer melhor e conversar mais demoradamente com cada um destes colegas.

É meu privilégio agradecer a colaboração de todos os participantes neste livro e desejar os melhores votos à APDIO e a todos os seus sócios.

Luís Valadares Tavares (Presidente da CD da APDIO)

A Investigação Operacional e o preço do bacalhau

por João Clímaco

Há mais de vinte anos que entrei em casa, numa cálida tarde de verão, com o meu primeiro troféu. Abri a pasta, tirei a minha preciosidade e exclamei: este já cá canta! O meu pai pegou na reprint da revista científica que eu exibia com um orgulho inocente, folheou páginas bem recheadas de expressões matemáticas e retorquiu: "amanhã vai descer o preço do bacalhau!"

Passaram vinte anos, escrevi e "iniciei" outros na escrita e no "ritual de publicação" de muitos artigos, mais ou menos com o mesmo aspecto do primeiro. Não nego que, em alguns casos, continuo a sentir muito prazer e até orgulho. A inocência é que já lá vai! Ainda hoje me interrogo se o meu pai tem consciência do alcance daquele "tiro" certo. A presa, a Investigação Operacional, não morreu e até acredito que possa voltar a voar. Mas se teimarmos em nos esquecer que as vísceras da vítima (a Matemática, a Ciência da Computação, a Gestão, a Economia, a Psicologia, a Ciência Política, a Sociologia, a Ciência das Organizações, etc) constituem um sistema muito complexo, então Ackoff terá tido razão quando escreveu premonitoriamente, faz trinta anos, "The Future of Operations Research is Past".

A vida encontrou-me a escrever este "naco de prosa", encomendada pelo ilustre editor do Boletim, num café de Carcavelos, numa outra tarde de canícula. Na pantalha da "caixinha mágica" competiam vertiginosamente imagens do torneio de Wimbledon e duma corrida de Fórmula 1. Pete Sampras acaba de aplicar um golpe de mestre. Reconponho-me com um gole de água. Há vinte anos seria uma caneca de cerveja. Questões de metabolismo! A idade não perdoa.

A televisão é talvez o mais importante dos símbolos da sociedade de "tempo real" e de competição desenfreada, em relação à qual se esforçam por nos convencer de que não há alternativas. E a Investigação Operacional? Abundam os novos talentos dedicados a saberes, de uma forma ou de outra, relacionados com a Investigação Operacional. A crescente diversidade de paradigmas, de aproximações e de linguagens, se levanta inevitáveis dificuldades, é talvez o aspecto mais fecundo da Investigação Operacional dos nossos dias, deixando antever "novos voos". A questão reside em se "Ela" resistirá a esta sociedade da "caixinha mágica", época de "vendavais globalizados". Somos de facto muito vulneráveis. As tentações são imensas. Enganamo-nos a nós próprios quando apregoamos a importância da Investigação Operacional na intervenção social. Confundimos o desejo com a

realidade. É claro que se podem apontar exemplos fantásticos, mas são escassos para uma área disciplinar que se quer pujante a nível mundial. O extremar de posições é também característico destes períodos. De um lado os que desprezam o trabalho académico, na outra ponta do espectro os que vivem na vertigem do "publish or perish", buscando assim a "salvação" neste mundo da "ciência-mercadoria". Estes e outros males não são específicos da Investigação Operacional, porém tornam-se particularmente ameaçadores quando se trata de saberes transdisciplinares. Obviamente o nosso caso! Esgota-se o espaço que o editor pôs à minha disposição. Mas, não posso terminar, sem me debater, ao menos sumariamente, com a questão sacramental: "Que fazer?".

A Investigação Operacional, se é uma ciência (e essa é uma discussão que transcende estas linhas), então será certamente uma "ciência social". Mas, uma "ciência social" com um património histórico particularmente rico no domínio dos métodos quantitativos, que não pode nem deve ser desprezado. Há todavia que combater a "atração fatal" pelo óptimo. Esta visão positivista, subjacente ao paradigma de optimalidade, não é, obviamente, a mais adequada em muitas circunstâncias.

Em reacção às fragilidades da Investigação Operacional clássica (também apelidada de hard) surgiu a chamada Investigação Operacional soft, prestando atenção especial a aspectos qualitativos e subjectivos dos processos de decisão. Por exemplo, dedicando-se à "estruturação de problemas", questão menosprezada pela Investigação Operacional clássica, e primordial sempre que não se conhece bem a priori os contornos do que se pretende.

A possibilidade de conjugar esforços, por exemplo, construindo ferramentas de análise que combinem aspectos oriundos de diversas vias de desenvolvimento da Investigação Operacional (em muitos casos com o apoio da Ciência dos Computadores, das Telecomunicações, da Psicologia, etc) abre perspectivas de superação ao menos parcial das dificuldades actuais. É urgente perceber que a linha de fronteira entre a Investigação Operacional hard e soft é completamente artificial. Por vezes há uma fronteira nítida entre aqueles que investigam, ensinam e praticam estas duas vertentes da disciplina, mas trata-se de algo "inventado" pelas pessoas, dando expressão à nossa tendência de procurar refúgio em "terreno" conhecido. Uma questão de hábito e de facilidade.

Finalmente, uma palavra sobre a divulgação e o ensino da Investigação Operacional. Trata-se de aspectos essenciais, não só para formar profissionais competentes e adequados ao ambiente em que vão intervir, mas também para abrir caminho a uma melhor compreensão dos agentes políticos, económicos e sociais sobre as potencialidades desta área do conhecimento. Por exemplo, é imperativo que "todos" entendamos que o apoio à tomada de decisões mesmo quando existe não passa de uma fase do processo decisório. E

que, se em alguns casos se pretende apontar soluções, noutros é mais sensato ficarmo-nos pela tentativa de clarificação do que está em causa para os agentes envolvidos no processo.

Este assunto encerra ainda um melindre suplementar, visto que não é consensual, mesmo dentro da comunidade dos investigadores operacionais. Por exemplo, está hoje em moda desvalorizar o estudo teórico. Argumenta-se que a melhor maneira de preparar os estudantes para a vida profissional é "praticar". Não será que a prática da Investigação Operacional tem contornos comparáveis aos de qualquer profissão em que o processo social associado é muito complexo? Vejamos o caso do Direito. É bem conhecida e discutida a diferença entre a lei e a aplicação da justiça. Contudo, não é por isso que sugerimos o encerramento das disciplinas dedicadas à teoria nas Faculdades de Direito, indo os estudantes desde o início "praticar" para o escritório dum advogado. Em minha opinião, o estudo teórico tem grande importância na formação de futuros profissionais, independentemente do aspecto "utilitário" imediato.

Passaram vinte anos. Hoje o preço do bacalhau ronda os 2.000\$00 por kilo. Amanhã se verá.